

**“Por incrível que possa parecer, a pandemia me trouxe uma paz. Me obrigou a desacelerar. Permitiu me reequilibrar emocionalmente. (...) A pandemia também me obrigou a cozinhar todos os dias. Procurava receitas diferentes e aos fins de semana fazia um bolo, todos ficaram gostosos, mas teriam sido reprovados na estética pela mãe”**

Por incrível que possa parecer, a pandemia me trouxe uma paz. Me obrigou a desacelerar. Me permitiu me reequilibrar emocionalmente.

O ano de 2020 começou com minha mãe internada com um AVE hemorrágico. Apesar de tudo, em 15 dias estava em casa. Estava em franca recuperação, quando veio a rebordosa. O pior momento foi entre 22/01 e o carnaval: ali ela vivenciou o segundo episódio de alta letalidade. O segundo em um mês.

Foi neste estado de espírito que a pandemia me encontrou. Aceitar sua inexorabilidade foi fundamental. Fui obrigada a me afastar, tive tempo para pensar e me equilibrar. Ver uma amiga postando fotos de suas criações culinárias me fez acordar: meus dotes culinários eram restritos aos domingos e nos últimos meses de 2019, sempre na companhia da mãe. Com sua ausência, nem aos domingos mais fazia algo diferente. Ter esta consciência foi importante. Só que a pandemia me obrigou a cozinhar todos os dias. Procurava receitas diferentes e aos fins de semana fazia um bolo – como doce não é minha especialidade, todos ficaram gostosos, mas teriam sido reprovados na estética pela mãe. Me acalmei. Voltei a ler, a estudar, a pensar.

*Foto: Poupourri de meus bolos: cenoura (meio quebrado), a receita especial do bolo de chocolate da mãe (também meio refeito), bolo de laranja (forno quente) – o único acerto, as broinhas com café.*



**Gisele Sanglard**

*Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde/COC*